

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

A lição do abismo

Escrevendo, o senador José Sarney é melhor do que combatendo a inflação e politicamente mais competente do que exigindo ser convidado para jantares oficiais. Sarney mostra isso no artigo que assinou na edição de ontem da *Folha de S. Paulo*, sob o título "Pacotes e Frituras". Exímio lançador de pacotes – fez quatro em cinco anos de governo –, Sarney faz uma crítica de mordaz ironia ao governo de Fernando Henrique e, no trecho final, dá o tiro fatal: "O presidente FHC, como eu e o Geisel (o precursor dos pacotes), foi alvejado pela inexorável lei dos pacotes."

Além de dar boas-vindas a Fernando Henrique pelo ingresso no bloco dos pacoteiros, Sarney faz a crudelíssima comparação do sociólogo forjado nas teses da esquerda com o governante cuja dura realidade da vida terminou por levá-lo a ceder a métodos semelhantes aos empregados pelo general.

Evidentemente é um sofisma, mas perfeito como peça de demarcação de terrenos. Ontem, Sarney realmente inaugurou sua entrada na oposição sem que fosse necessário recorrer aos estrebuchos da esquerda que, perdida, fala sem que consiga produzir nenhum desconforto efetivo ao governo que combate.

Não se trata aqui de julgar se Sarney está certo ou errado, até porque em matéria de política econômica dificilmente a História o absolverá. Mas não cabe subtrair do senador seu direito à opinião – e o exercício do alto oposicionismo – apenas porque deixou o governo com 80% de inflação ao mês, enquanto Fernando Henrique conseguiu baixá-la para menos de 5% ao ano.

A questão não é essa. O senador busca fazer a exegese dos pacotes notando que estão sempre na prateleira e que sua entrega é questão de tempo, dependendo apenas dos humores da área econômica. "Ela adora pacotes, porque resolvem problemas que não são resolvíveis e, em geral, não são eficazes."

Fala de cadeira e mostra ao leitor como, à direita e à esquerda, em São Paulo ou no Maranhão, pacote é tudo igual. Sem dizer claramente que faz comparações entre os seus pacotes e o de FH, Sarney pontifica que "a lei do pacote ensina que ele deve ser sempre grande – porque pacote pequeno é pacote que não se respeita" e bater em funcionário público, "isso dá editorial de aprovação".

Deve também ter muitos penduricalhos inúteis – já que as medidas urgentes nunca são mais que duas ou três –, como a extinção de cargos que não estão preenchidos e suspensão de aposentadorias irregulares.

Trata ligeiro de se considerar o maior defensor de "todas as medidas para salvar o real" e presta, por isso, "toda a solidariedade" ao presidente. E belisca forte: "Não quero que ele seja vítima, como eu fui, da paixão política, da politicagem, do eleitoralismo a serviço da desgraça do país."

Aqui, Sarney é tão sutil que a gente fica sem saber se ele faz um *mea culpa* por ter deixado o Plano Cruzado fracassar na sanha eleitoreira do pleito de 1986 ou se vinga-se da referência feita pelo presidente à "politicagem" vigente em alguns setores e à qual ele não pretendia ceder.

E, antes de saudar Fernando Henrique como parceiro de Ernesto Geisel, prega que o enfrentamento da crise se dê sem sectarismos, "buscando alternativas" como as propostas por quem? Sim, senhores, Antônio Carlos Magalhães, que, nessa altura, já conseguiu capitalizar a imagem do antipacote naquilo que ele tem de mais antipático, o aumento do Imposto de Renda.